

RAGNAR JÓNASSON

A NOVA VOZ DO POLICIAL NÓRDICO

SILÊNCIO DE GELO

TOP
SEL
LER

«Os fãs do *noir* nórdico estão familiarizados com excelentes escritores islandeses. Ragnar Jónasson é seguramente um deles.»

THE TIMES

*Este livro é dedicado à memória dos meus avós de Sigluþfördur,
D. Ragnar Jónasson [1913–2003] e Guðrún Keydal [1922–2005].*

«Viver em Hédinsfjörður nunca foi fácil, e o contacto com as comunidades vizinhas podia revestir-se de dificuldades. No inverno, a zona costeira, que não dispunha de um porto, ficava frequentemente inacessível a partir do mar, enquanto as montanhas cobertas de neve se revelavam invariavelmente agrestes.»

Histórias de Siglufjörður, P. RAGNAR JÓNASSON (1913–2003)

ISLÂNDIA





1

Tinha sido uma noite igual a tantas outras, passada a preguiçar no sofá.

Eles viviam num pequeno apartamento, no piso térreo de uma moradia antiga, na Ljósvallagata, no extremo ocidental de Reiquiavique. A casa inseria-se no meio de um conjunto antiquado de três edifícios geminados, construídos na década de 1930. Róbert sentou-se, esfregou os olhos e olhou através da janela para o pequeno jardim da frente. Estava a escurecer. Corria o mês de março, em que se podia prever quaisquer condições climatéricas; nesse momento, chovia. Havia qualquer coisa de confortável no tamborilar dos pingos de chuva contra a janela, enquanto ele se refugiava na segurança do lar.

Os estudos não estavam a correr mal. Róbert frequentava o primeiro ano do curso de Engenharia, sendo um estudante já maduro, com 28 anos.

Os números haviam sido, desde sempre, um dos seus prazeres. Os pais eram contabilistas e viviam na parte alta da cidade, no bairro de Árbær, e, se a relação com eles fora difícil no passado, naquele momento, era praticamente inexistente, já que o estilo de vida de Róbert não se enquadrava na fórmula que eles haviam definido para alcançar o sucesso. Tinham feito o que podiam para o trazer para o mundo da contabilidade, conforme seria de se esperar, mas Róbert seguira o seu próprio caminho.

Agora, estava na universidade, finalmente, e nem se dera ao trabalho de informar os pais sobre o assunto. Tentara concentrar-se nos estudos, embora, nos últimos tempos, o seu pensamento

tendesse a deambular até aos Fiordes do Oeste. Tinha um pequeno barco lá, juntamente com alguns amigos, e ansiava pela chegada do verão. Era muito fácil esquecer tudo, quer fosse bom ou mau, quando andava no mar. O balançar do barco era um tónico para qualquer tipo de stress, e o seu espírito voava mais alto quando ele se deixava envolver pela tranquilidade absoluta. No final do mês, iria rumar a oeste para preparar a embarcação. Para os amigos, a viagem para os fiordes era, até certo ponto, uma desculpa para uma farra regada a álcool. Para Róbert, não. Estava há dois anos sem beber — uma medida que se tornara necessária devido ao consumo excessivo de álcool, resultante dos acontecimentos daquele dia fatídico ocorrido oito anos antes.

* * *

Estava um dia lindo. Quase não se sentia um sopro de vento no campo de futebol, bafejado pelo calor do Sol do verão e com uma assistência considerável. Iam a caminho de uma vitória convincente contra um adversário pouco convincente. No horizonte imediato de Róbert, surgia a possibilidade de treinar com a equipa nacional de juniores e, mais tarde, nesse verão, teria um período experimental com uma equipa norueguesa de topo. O seu agente referira-lhe, inclusivamente, existir interesse por parte de equipas em posições inferiores na liga inglesa. O homem estava extremamente orgulhoso dele. Ele próprio tinha sido um jogador razoável, mas nunca dispusera de uma oportunidade para jogar a nível profissional. Agora, os tempos eram outros; havia mais oportunidades naquela área.

Faltavam cinco minutos quando Róbert recebeu a bola. Abriu caminho entre os defesas e avistou a boca da baliza e a expressão apreensiva na cara do guarda-redes. Aquilo estava a tornar-se uma experiência familiar, com a vitória por cinco a zero já a avizinhar-se.

Não se apercebeu da entrada iminente sobre si, apenas ouvindo o estalo quando a sua perna se fraturou em três sítios, fazendo-o sentir uma dor lancinante. Paralisado pelo sofrimento atroz, olhou para baixo e viu a fratura exposta.

* * *

Aquela visão ficara gravada na sua memória. Os dias no hospital passaram num torpor, embora ele se recordasse de ouvir o médico dizer que as suas hipóteses de voltar a jogar futebol eram ténues, pelo menos a nível profissional. Ele desistira de tudo e procurara consolo na bebida; cada copo era rapidamente seguido de outro. O pior de tudo fora que, embora Róbert tivesse tido uma recuperação melhor do que a que o médico previra, na altura em que ele reconquistou a sua boa forma, já era tarde para fazer o tempo recuar na sua carreira de futebolista.

Agora, no entanto, a situação melhorara. Ele tinha Sunna, e o pequeno Kjartan ocupava igualmente um lugar no seu coração. Porém, apesar de tudo, havia recordações obscuras armazenadas dentro de si, que Róbert esperava manter escondidas nas sombras.

* * *

A noite já ia avançada quando Sunna chegou a casa, dando um toque na janela para lhe indicar que se tinha esquecido das chaves. Estava linda, como sempre, com umas calças de ganga pretas e uma camisola cinzenta de gola alta. O cabelo asa de corvo, comprido e brilhante, emoldurava-lhe o rosto expressivo. No início, haviam sido os olhos dela a fasciná-lo, seguidos de perto pela sua figura magnificente. Sunna era bailarina, e, por vezes, era como se dançasse em vez de caminhar, no pequeno apartamento, com uma graça confiante a imbuir cada movimento.

Róbert sabia que tinha tido sorte desta vez. Começara por conversar com ela na festa de aniversário de um amigo, e a atração entre os dois fora imediata. O relacionamento datava de há seis meses, e eles viviam juntos há três.

Sunna ligou o aquecimento ao entrar; ela era mais friorenta do que ele.

— Está frio lá fora — comentou ela.

De facto, o ar fresco infiltrava-se naquele espaço. A janela da sala não estava bem vedada, e tornava-se difícil eles habituarem-se às correntes de ar permanentes.

A vida não era fácil para ambos, ainda que a sua relação estivesse a fortificar-se. Ela tinha um filho de uma relação anterior,

o pequeno Kjartan, e estava envolvida numa disputa renhida pela guarda dele com Breki, o pai da criança. Ao início, Breki e Sunna tinham acordado na guarda conjunta, e, nesse momento, Kjartan estava com o pai.

Entretanto, porém, Sunna contratara um advogado e estava empenhada em obter a guarda total. Andava também a ponderar a hipótese de prosseguir os seus estudos na Grã-Bretanha, embora ainda não tivesse discutido a questão a fundo com Róbert. Por seu turno, Breki dificilmente aceitaria essa notícia sem reagir, pelo que tudo indicava que a disputa acabaria por ir parar ao tribunal. Todavia, Sunna acreditava ter um caso forte e que conseguiria que a guarda de Kjartan passasse a ser inteiramente sua.

— Senta-te, querida — disse Róbert. — Temos massa.

— Nham! Ótimo! — respondeu ela, aninhando-se no sofá.

Róbert foi buscar a comida à cozinha, trazendo dois pratos, os copos e um jarro com água.

— Espero que esteja boa — disse ele. — Ainda ando um pouco às apalpadelas.

— Tenho tanta fome que o sabor não importa.

Ele pôs uma música relaxante e sentou-se ao lado dela.

Sunna falou-lhe sobre o seu dia, os ensaios e a pressão com que andava. Almejava sempre a perfeição, detestando obter maus resultados.

Róbert estava satisfeito com o sucesso da sua massa; mesmo não sendo nada do outro mundo, estava suficientemente boa.

Sunna pôs-se de pé e agarrou-lhe na mão.

— Levanta-te, meu amor — pediu ela. — Está na altura de dançar.

Ele ergueu-se, envolvendo-a nos braços, e os dois moveram-se em sincronia ao som de uma lânguida balada sul-americana. Róbert deslizou a mão sob a camisola dela e acariciou-lhe as costas com as pontas dos dedos, desapertando-lhe o soutien num movimento contínuo.

— Ei, jovem — disse ela, com uma dureza fingida e calor no olhar —, o que pensas que estás a fazer?

— A aproveitar ao máximo o facto de o Kjartan estar com o pai — respondeu Róbert, e os dois envolveram-se num beijo longo

e profundo. A temperatura entre ambos elevava-se, tal como a que se fazia sentir na sala, e, em menos de nada, estavam no quarto.

Por uma questão de hábito, Róbert fechou a porta e correu as cortinas da janela que dava para o jardim, mas nenhuma destas precauções impediu que os sons do seu envolvimento sexual pasassem para o apartamento ao lado.

Quando tudo voltou a estar em silêncio, Róbert ouviu o som distante de uma porta a bater, abafado pelo martelar da chuva. Ocorreu-lhe de imediato que seria a porta das traseiras, que dava para o alpendre da velha casa.

Sunna soergueu-se, alarmada, e olhou de relance para ele com uma expressão preocupada. Róbert tentou disfarçar o receio que sentia com uma exibição de bravura, pondo-se de pé e aventurando-se, nu, até à sala. Encontrou-a vazia.

Contudo, a porta das traseiras estava aberta, oscilando para a frente e para trás, ao sabor do vento. Ele passou rapidamente o olhar pelo alpendre, apenas o tempo suficiente para poder dizer que dera uma olhadela, e apressou-se a fechar a porta. Tinha a noção de que, mesmo que um regimento de homens estivesse ali fora, ele não conseguiria vê-lo devido à escuridão.

Em seguida, passou em revista todas as divisões da casa, com os batimentos do seu coração mais fortes e acelerados; porém, não se vislumbrava qualquer visita indesejada.

Depois, reparou em algo que o iria manter acordado o resto da noite.

Atravessou a sala de estar precipitadamente, temendo pela segurança de Sunna, apavorado com a ideia de lhe acontecer alguma coisa. Chegou ao quarto, com a respiração suspensa, encontrando-a sentada na berma da cama a vestir uma t-shirt. Ela dirigiu-lhe um sorriso débil, sem conseguir ocultar a inquietação.

— Não era nada, querida — disse ele, com um tremor na voz, que esperava que passasse despercebido a Sunna. — Esqueci-me de trancar a porta depois de levar o lixo lá para fora; não a fechei devidamente ao entrar. Sabes como o vento gosta de pregar partidas lá atrás. Fica aqui, vou buscar-te uma bebida.

Saiu rapidamente do quarto e apressou-se a eliminar aquilo que vira.

Róbert esperava ter agido corretamente, ao omitir a Sunna a água no chão, as pegadas molhadas deixadas pela visita indesejada que entrara ali, vinda da chuva. O pior é que não tinham parado junto à porta das traseiras. O rasto prolongava-se até chegar à porta do quarto.

2

Ari Thór Arason, agente da polícia de Siglufjörður, não conseguia justificar, nem a si próprio, o facto de estar a analisar um caso antigo por consideração para com um perfeito desconhecido, principalmente numa altura em que a pequena comunidade vivia um período tão conturbado.

O indivíduo, Hédinn, telefonara exatamente na véspera de Natal, quando o chefe oficial da esquadra se ausentara para Reiquiavique, de férias. Solicitara a Ari Thór que desse uma vista de olhos a um assunto arquivado há bastante tempo: a morte de uma jovem. Ari Thór prometera fazê-lo quando lhe fosse possível, mas só agora arranajara finalmente algum tempo para isso.

Ari Thór pedira a Hédinn para passar na esquadra nessa noite, depois de se assegurar, obviamente, de que o homem não saía de casa há dois dias e que, por isso, não estava infetado. O próprio Hédinn mostrara-se algo reticente em encontrar-se com Ari Thór nas atuais circunstâncias, mas acabara por aceitar, para falarem sobre o antigo caso.

A infeção atingira a cidade dois dias antes, em sequência da chegada de um visitante abastado. Tratava-se de um homem aventureiro, oriundo de França, que tinha viajado de África para a Gronelândia, e resolvera fazer uma breve incursão à Islândia enquanto ali se encontrava, obtendo autorização para aterrar a sua pequena aeronave na remota pista de aterragem de Siglufjörður, para fazer uma visita ao museu da cidade dedicado à Era do Arenque. Embora planeasse permanecer ali apenas um dia, adoeceu gravemente na noite da chegada.

De início, tinha-lhe sido diagnosticada uma gripe anormalmente virulenta, acompanhada de febres altíssimas. Contudo, o seu estado veio a deteriorar-se rapidamente, e o homem acabara por morrer na noite seguinte. Um especialista em doenças infecciosas concluíra estar-se na presença de um caso de febre hemorrágica, provavelmente contraída durante a deslocação do homem a África, e que apenas se manifestara agora. Considerava-se aquela doença altamente contagiosa, e, hipoteticamente, qualquer pessoa podia ter sido contaminada enquanto a febre se desenvolvia.

A Autoridade Nacional de Defesa Civil fora alertada, e as análises efetuadas a amostras da vítima vieram confirmar que se tratava de febre hemorrágica, como se temia. Na prática, não existia uma forma de lidar com a doença.

A medida drástica de colocar a pequena cidade em quarentena fora tomada pouco depois da morte do homem. Empreendia-se o máximo de esforços para localizar quem quer que tivesse estado em contacto com a vítima, ao mesmo tempo que cada sítio por onde o homem tinha passado era desinfetado.

Em pouco tempo, espalhara-se o rumor de que a enfermeira que estivera de serviço nessa noite também se encontrava doente. A mulher fora posta sob vigilância, e, algumas horas antes, nesse mesmo dia, Ari Thór ouvira dizer que ela começara a revelar ligeiros sintomas, levando a que a pusessem em isolamento.

Fazia-se tudo o que era possível para apurar onde a enfermeira tinha estado e com quem, e o processo de desinfeção estava de novo em marcha.

No entanto, de momento, tudo estava tranquilo. A enfermeira mantinha-se em isolamento no hospital de Siglufjörður, enquanto se estabeleciam os planos de contingência para a transferirem para uma unidade de cuidados intensivos em Reiquiavique, caso o seu estado viesse a deteriorar-se. De acordo com a informação prestada à polícia, previa-se que a cidade se mantivesse em quarentena durante mais alguns dias, pelo menos.

Embora, na realidade, não acontecesse muita coisa de momento, Siglufjörður estava tomada pelo pânico, obviamente alimentado pela extensa cobertura mediática. Os habitantes da cidade viviam

aterrorizados, conforme era expectável, enquanto os políticos e os especialistas insistiam na necessidade de não se correrem riscos desnecessários.

A febre hemorrágica recebera já o epíteto de «doença francesa», e a cidade transformara-se numa sombra daquilo que costumava ser. A maior parte das pessoas optava por manter-se atrás de portas fechadas e recorrer ao telefone ou ao correio eletrónico para quaisquer contactos. Ninguém dava o mais pequeno sinal de querer ultrapassar as muralhas invisíveis da cidade para penetrar no seu seio. Os locais de trabalho mantinham-se inativos e a escola estava encerrada.

Ari Thór continuava de boa saúde e tinha todas as esperanças de não ser infetado pelo vírus. Nunca chegara a aproximar-se do infeliz viajante ou da enfermeira. O mesmo acontecia com o agente veterano da polícia de Siglufjörður, Tómas, entretanto regressado da sua pausa e já ao serviço, ao lado de Ari Thór.

Ari Thór esperava que a visita de Hédinn lhe trouxesse algo mais em que pensar além daquela maldita doença. E um pressentimento incómodo dizia-lhe que assim iria ser.

3

Nasci em Hédinsfjörður — referiu a Ari Thór o seu visitante, Hédinn. — Já esteve lá?

Estavam sentados no canto do café da esquadra, mantendo alguma distância entre si; não tinham sequer dado um aperto de mão quando Hédinn chegou.

— Passei por lá de carro, depois de inaugurarem o túnel — respondeu Ari Thór, aguardando que o seu chá arrefecesse. Hédinn optara pelo café.

— Pois, exatamente — replicou este, num tom grave. Hédinn parecia ser um homem discreto e reservado. Evitava o contacto visual com Ari Thór, fitando sobretudo a mesa ou o seu café. — Exatamente — repetiu. — Ninguém lá fica muito tempo. Continua a ser o mesmo fiorde inóspito, apesar de todas as pessoas que o visitam durante o dia. Nos velhos tempos, jamais se teria imaginado que se pudesse ver tanta gente por lá.

Ele parecia ter perto de 60 anos, um cálculo que Ari Thór não demorou a ver confirmado.

— Foi ali que eu nasci, em 1956. Os meus pais tinham ido viver para lá no ano anterior, depois de o fiorde ficar deserto, porque queriam mantê-lo habitado um pouco mais tempo. E não foram os únicos. A minha tia, irmã da minha mãe, e o marido acompanharam-nos; queriam tentar cultivar aquelas terras.

Hédinn fez uma pausa.

Deu um gole cauteloso no seu café e mordiscou uma bolacha que retirou do pacote em cima da mesa. Aparentava estar ligeiramente nervoso.

— Eles possuíam uma quinta ou terras por lá? — perguntou Ari Thór. — É um sítio magnífico.

— Magnífico... — repetiu Hédinn, numa voz distante, parecendo perder-se nas suas memórias. — Talvez seja, mas não é essa a imagem que me vem ao pensamento. Tem sido um lugar terrível para se viver, ao longo dos séculos. No inverno, neva abundantemente e a região torna-se extremamente isolada, havendo uma grande incidência de avalanchas nas encostas das montanhas. Nessa altura, o fiorde fica completamente inacessível, tendo o oceano de um dos lados e os elevados picos do outro. Num momento de aflição, seria difícil chegar a uma quinta vizinha, quando mais à cidade mais próxima, do outro lado das montanhas. — Hédinn sublinhou as suas palavras com um abanar da cabeça e uma expressão contraída. Era um homem corpulento, ligeiramente obeso; o seu cabelo, ralo e oleoso, estava todo penteado para trás. — Mas, e respondendo à sua pergunta, não, os meus pais não possuíam uma quinta lá. Foi-lhes dada a oportunidade de arrendarem uma quinta que havia sido abandonada, mas continuava em boas condições. O meu pai era um trabalhador esforçado e sempre desejou um dia vir a ser agricultor. A casa dava perfeitamente para os quatro, os meus pais e os meus tios; na verdade, a dada altura, ele passou por alguns problemas financeiros e recebeu de braços abertos a oportunidade de tentar fazer algo novo. Depois, eu apareci, um ano mais tarde, e acabámos por ser cinco pessoas ali... — Ele fez uma pausa, franzindo o sobrolho. — Bom, não foi bem assim, mas eu já chego lá — acrescentou.

Ari Thór manteve-se em silêncio, deixando Hédinn prosseguir o seu relato.

— Disse-me que tinha passado por lá de carro. Nesse caso, mal chegou a ver o fiorde em toda a sua extensão. Da nova estrada, avista-se a lagoa de Hédinsfjörður. Existe uma estreita língua de terra, a Víkursandur, que separa a lagoa do próprio fiorde, e isso é o máximo que se consegue avistar a partir da estrada, apesar de não ser importante em relação ao que lhe vou contar. A nossa casa ficava junto à lagoa; ainda lá se encontra, ou aquilo que restou dela. É a única habitação do lado ocidental da lagoa; ali, a zona

de planície é muito diminuta, compreende? O edifício fica na sombra de uma encosta elevada, mesmo no sopé da montanha, tornando evidente a loucura que era tentar lá viver. No entanto, os meus pais estavam determinados a fazer o melhor que podiam. Sabe, sempre acreditei que aquelas condições, a montanha e o isolamento, tivessem alguma influência naquilo que ali se passou. É fácil as pessoas perderem o juízo num sítio assim, não é?

Ari Thór precisou de um momento para compreender que Hédinn esperava que ele respondesse àquela questão.

— Bom, sim. Acho que sim — foi o melhor que lhe ocorreu dizer. Embora fosse dificilmente comparável com o isolamento de Hédinsfjörður, o seu primeiro inverno em Siglufjörður havia-lhe deixado memórias amargas. À noite, mal conseguia pegar no sono, sentindo-se quase sufocado com a pressão do isolamento e da escuridão, enquanto a neve isolava praticamente a localidade do resto do mundo. — Em relação a isso, o senhor deve saber melhor do que eu — acrescentou, com aquela memória a fazê-lo estremecer. — Como era viver ali?

— Eu? Deus do Céu, eu não me lembro de nada! Nós saímos de lá depois... depois do que aconteceu. Eu tinha pouco mais de 1 ano, e os meus pais não falavam muito sobre o tempo passado em Hédinsfjörður, o que é compreensível, parece-me. Mas não era tudo mau, penso eu. A minha mãe contou-me que eu nasci num dia lindo, no final de maio. Depois de eu nascer, ela foi até à lagoa, e, ao passar os olhos pelas águas, completamente serenas naquele dia de sol, ocorreu-lhe que eu devia chamar-me Hédinn, o nome do viking que se estabeleceu em Hédinsfjörður por volta do ano 900. Os meus pais também me contavam histórias de agradáveis dias de inverno, embora o meu pai me referisse, às vezes, que aquelas altas montanhas pareciam assolá-los durante os sombrios meses invernosos.

Ari Thór voltou a sentir algum desconforto. Recordava-se perfeitamente de como o círculo de montanhas em volta de Siglufjörður o havia afetado durante os seus primeiros dias ali, dois anos e meio antes. A sensação de claustrofobia ainda permanecia no seu íntimo, mesmo que ele fizesse o possível para a vencer.

— Naquela altura, ir de Hédinsfjörður até Siglufjörður ou Ólafsfjörður não era tarefa fácil — continuou Hédinn. — A melhor forma de o fazer era através do mar, embora fosse possível seguir por terra, passando pelo desfiladeiro de Hestsskard e descendo até Siglufjörður. Conta-se uma história, passada no século XIX, de uma mulher de uma das quintas de Hvanndalur que foi apanhar lenha e enveredou por um caminho extremamente difícil, na base rochosa de uma escarpa do lado leste do fiorde. Além de estar grávida, a mulher fez todo aquele caminho com uma criança de colo, escondida no interior da roupa. Tudo é possível quando a vontade prevalece. Esta foi uma história com um final feliz. Ao contrário da minha... — Hédinn ergueu os olhos com um sorriso amargo, fazendo uma pausa antes de retomar o discurso. — A nossa antiga casa fica perto do trilho por onde se desce para chegar a Hédinsfjörður, caso se faça o percurso a pé a partir de Siglufjörður, seguindo pelo desfiladeiro de Hestsskard. Hoje em dia, as pessoas fazem esse trajeto por mero divertimento. Os tempos mudam, não é verdade? E as pessoas também. Os meus pais já morreram. A minha mãe foi a primeira a falecer, e o meu pai seguiu-se-lhe — referiu ele, com ar pesaroso, remetendo-se de novo ao silêncio.

— Os outros também já faleceram? — quis saber Ari Thór, mais para quebrar o silêncio do que por outra razão qualquer. — Refiro-me aos seus tios.

Hédinn fez uma expressão atónita.

— Então, nunca ouviu falar desta história? — acabou ele por perguntar.

— Não. Pelo menos que me lembre.

— Desculpe. Parti do princípio de que a conhecia. Na altura, todos estavam ao corrente. Mas as coisas vão-se esfumando com o decorrer do tempo, julgo eu. Foi há mais de meio século. Até os factos mais terríveis caem no esquecimento com o passar dos anos. Nunca ninguém descobriu realmente o que aconteceu, se se tratou de um homicídio ou de um suicídio...

— A sério? Quem é que morreu? — perguntou Ari Thór, com curiosidade.

— A minha tia. Envenenada.

— Envenenada? — A ideia fez Ari Thór estremecer.

— Qualquer coisa que foi adicionada ao café dela. O médico levou muito tempo a chegar lá. Provavelmente, a vida dela teria sido salva se a ajuda tivesse aparecido mais cedo. Talvez tivesse sido ela a fazê-lo, sabendo que seria muito difícil um médico ou uma ambulância chegarem ali a tempo. — A voz de Hédinn tornou-se ainda mais grave e arrastada. — O veredito foi que se tratou de um acidente; que ela deitou veneno para ratos no café, em vez de açúcar. A mim, parece-me um bocado forçado.

— Acha que alguém a pode ter matado? — perguntou Ari Thór, de chofre, tendo deixado há muito de arranjar subterfúgios para fazer perguntas embaraçosas. De qualquer forma, era um ponto em que nunca fora particularmente comedido.

— Essa é a conclusão mais óbvia, na minha opinião. Havia apenas três eventuais suspeitos, é claro: o marido dela e os meus pais. Por isso, a ideia andou sempre a pairar sobre a minha família, como uma sombra. Não que as pessoas aludam a isso. A teoria mais comum era a de ela se ter suicidado. Mas já pouco se fala sobre esse tempo. Depois de a minha tia morrer, nós viemos para Siglufjörður, e o meu tio regressou ao Sul, a Reiquiavique, onde passou o resto dos seus dias. Os meus pais nunca conversaram comigo sobre o que tinha acontecido, e eu também não andei à cata de informações. É claro que nunca acreditamos que os nossos pais tenham feito coisas más, não é? Seja como for, a dúvida nunca deixou de assaltar o meu pensamento. Penso que ela se suicidou ou que foi morta pelo marido. Não seria a primeira vez. Já houve outros casos de homens que mataram a mulher, e vice-versa — concluiu Hédinn, com um suspiro.

— Deve calcular o que lhe vou perguntar a seguir... — disse Ari Thór, num tom grave.

— Sim — confirmou Hédinn, permanecendo calado por momentos. — Gostaria de saber porque venho eu falar-lhe sobre isto após todos estes anos, certo?

Ari Thór assentiu com a cabeça. Preparava-se para dar um gole no chá, que arrefecia na chávena à sua frente, sobre a mesa, mas

o pensamento acerca do veneno para ratos no café da infeliz mulher impediu-o.

— Essa é outra história. — Hédinn endireitou os ombros e refletiu por um instante, parecendo procurar as palavras certas. — Antes de mais, e para que não haja dúvidas, eu contactei-o antes do Natal porque sabia que estava a substituir o Tómas. Ele conhece a cidade e todas as histórias demasiado bem; pensei que o senhor iria encarar isto com um olhar renovado, embora me surpreenda que nunca tenha ouvido falar desta história. Mas existe ainda outra razão. Um amigo meu vive no Sul, e, no outono, participou num encontro organizado pela Associação de Siglufjörður, onde as pessoas que saíram dessa cidade se reúnem regularmente. Tiveram uma noite de fotografias. — Ari Thór fez uma expressão de estranheza. — Sim, uma noite de fotografias — repetiu Hédinn. — Trata-se de uma amostragem de fotografias antigas de Siglufjörður. Parte do entretenimento passa por encontrar pessoas conhecidas nessas imagens antigas e anotar os seus nomes. É uma forma de manter um registo das pessoas que ali viveram ao longo dos anos.

— E aconteceu alguma coisa nesse encontro?

— Exatamente. O meu amigo telefonou-me nessa noite para me falar de uma fotografia que ele tinha visto. — De súbito, a voz de Hédinn revestiu-se de uma maior gravidade, subjazendo um tom sombrio que incitou Ari Thór a escutá-lo com mais atenção. — A fotografia tinha sido tirada em Hédinsfjörður, precisamente em frente à casa onde nós vivíamos. — Hédinn deu um gole no seu café, com a mão a tremer. — Tinha sido antes da morte da minha tia, no final do inverno; era um dia luminoso, mas havia ainda muita neve. — A familiar sensação de mal-estar acoossou Ari Thór por momentos, e ele forçou-se a abstrair-se dela. — No entanto, não havia nada de radioso naquela fotografia. Na altura, eu devia ter poucos meses de idade, e, aparentemente, estavam lá cinco pessoas.

— Bom — replicou Ari Thór —, dificilmente se pode considerar um retrato de família como algo estranho, não é?

— A questão é precisamente essa — sublinhou Hédinn, em voz baixa, olhando fixamente para a sua chávena de café, antes de erguer

os olhos bruscamente e encarar Ari Thór. — Na fotografia, estavam a minha mãe, o meu pai, eu e a minha tia. O meu tio, Maríus, deve ter sido quem a tirou, ou assim o julgo.

— Nesse caso, quem era a quinta pessoa? — questionou Ari Thór, sentindo de repente um calafrio. Ao seu pensamento assomaram histórias antigas de fotografias povoadas de espetros. Preparar-se-ia Hédinn para insinuar algo semelhante?

— Um jovem que eu nunca tinha visto. Estava ali, ao centro da fotografia, comigo nos braços. A verdade é que nenhum dos presentes naquela noite de fotografias fazia ideia de quem era aquele homem. — Hédinn voltou a suspirar. — Quem seria aquele jovem e o que lhe terá acontecido? Poderá ter sido ele o responsável pela morte da minha tia?

4

Exausto, após uma noite de insónias, Róbert adicionou leite aos seus cereais. Sunna estava sentada à frente dele, na mesa da cozinha, parecendo ter dormido bem. O som em surdina do noticiário matinal ouvia-se em pano de fundo. Tanto quanto lhe era dado a perceber, era mais uma manhã banal do mês de março, à parte as notícias do surto de um vírus em Siglufjörður. Uma pessoa contaminada tinha morrido durante a noite. Róbert sentiu alguma ansiedade ao pensar numa doença contagiosa; desejava ardentemente que se pudesse impedir a sua propagação e que lhe fosse possível manter a sua família em segurança. Naquela manhã, no entanto, havia outras preocupações mais prementes a afligirem-no do que aquele surto distante.

A casa deles, por muito limpa e organizada que se encontrasse, estava manchada, conspurcada, pela visita noturna daquele intruso. Quem teria andado a espia-los? O homem, ou talvez a mulher, tinha espreitado pela janela do quarto, vendo-os no auge da sua paixão, e resolvera invadir a sua casa? Tratar-se-ia de algum *voyeur* miserável? Ou algo mais grave? A porta das traseiras tinha ficado trancada; ele tinha a certeza disso — a certeza absoluta.

É claro que havia ainda o facto de Sunna ter perdido as chaves de casa. Alguém as teria encontrado simplesmente, descobrindo de onde eram, e resolvera entrar? Ou teriam sido roubadas deliberadamente? Era, de facto, um pensamento bastante perturbador. Em todo o caso, não tinha dúvidas sobre a sua primeira tarefa nesse dia: pedir a um serralheiro que viesse mudar as fechaduras.

Róbert esticou a mão em direção ao rádio e desligou-o. Por momentos, fez-se silêncio na cozinha exígua, à exceção da chuva, que prosseguia a sua investida persistente contra a janela. Ainda não tinha abrandado.

— Ainda não encontraste as tuas chaves, pois não? — perguntou ele, esforçando-se por não deixar transparecer o receio na voz.

— É estranho — comentou Sunna, levantando os olhos do jornal. — Não consigo imaginar onde poderão estar. Tenho a certeza de que as tinha ontem, quando estivemos a ensaiar, e que estavam no bolso do casaco. Deixei o casaco no átrio de entrada, junto aos das outras pessoas. Nunca roubaram nada ali, mas qualquer pessoa poderia ter vasculhado os bolsos.

— Qualquer pessoa? — repetiu Róbert.

— Sim, suponho eu.

— Alguém que tenha vindo da rua, inclusivamente?

— Sim, acho que sim — respondeu Sunna, fitando-o com mais atenção. — Porquê? O que se passa?

Ele obrigou-se a esboçar um sorriso.

— Nada, meu amor. Estava só a pensar... — Róbert hesitou antes de continuar. — Estava a pensar se não devíamos mudar as fechaduras, só por precaução.

— Isso não é um exagero? — retorquiu Sunna, obviamente admirada. — Estou certa de que vou encontrá-las.

— Tu já sabes como eu sou... Talvez esteja a ser excessivamente cauteloso. De qualquer forma, é algo que precisa de ser feito — insistiu ele, mentindo. — As fechaduras estão a ficar perras.

— Não tinha reparado — disse Sunna, dando uma olhadela ao relógio e levantando-se. — Mas faz o que achares melhor. Tenho de ir andando para não chegar atrasada. — Ela apressou-se a sair da cozinha, voltando-se, na ombreira da porta, para perguntar: — Vais estar aqui à hora do almoço?

Róbert tinha uma aula na universidade, mas estava decidido a não sair de casa antes de as fechaduras terem sido trocadas. Não mentira quando dissera a Sunna que era cauteloso por natureza.

— Penso que sim — respondeu ele.

— O Breki vai trazer o Kjartan. Não há problema se eu ainda não estiver em casa nessa altura? — perguntou ela, ligeiramente constrangida.

Róbert não tinha o ex-companheiro de Sunna em grande conta.

— Não há problema — respondeu ele — Mas diz-me uma coisa... — acrescentou Róbert, no momento em que Sunna se preparava para fechar a porta atrás de si. — Ele tem-te deixado em paz, não tem?

— O Breki?

— Sim. Tu sabes o que o advogado disse. Não deves contactá-lo em relação ao processo. A partir de agora, é tudo tratado entre os advogados.

— Não te preocupes com o Breki. Eu consigo lidar com ele — respondeu ela, com um sorriso.

5

Um espasmo de medo pareceu instalar-se na barriga de Ísrún, ao sentar-se no banco do avião que a ia levar das Ilhas Faroé para casa, na Islândia. A viagem até às ilhas havia corrido bem, mas a aterragem era algo que ela não ia conseguir esquecer, com o avião a descrever um percurso sinuoso entre as montanhas abissais e terrivelmente próximas umas das outras, ao fazer a aproximação à pista. Fechar os olhos apenas servira para piorar as coisas, com a imaginação a impeli-la para novas alturas, no momento em que uma turbulência imprevista tornara a aterragem ainda mais dramática. Ao sair do avião, um dos membros da tripulação desejara-lhe uma ótima estadia, reparando, obviamente, na sua extrema palidez.

— A viagem foi ótima — balbuciara Ísrún, em resposta. — À exceção da aterragem.

— A aterragem? — replicara ele, espantado. — Hoje correu na perfeição. Havia boas condições e apenas uma ligeira turbulência.

Nesse momento, enquanto colocava o cinto, Ísrún dizia a si própria que a descolagem só podia ser melhor do que a aterragem.

A sua curta permanência nas Ilhas Faroé não fora de lazer — muito pelo contrário, na verdade. Sentia um profundo afeto pelas pessoas que conhecia ali e que visitara diversas vezes com os pais. Desta vez, contudo, deslocara-se lá sozinha, para se encontrar com a sua mãe, Anna.

Anna nascera nas Ilhas Faraó, no seio de uma família de pescadores. Os seus pais tinham morrido, entretanto, mas ela manteve um contacto frequente com as suas duas irmãs, que continuavam

a viver nas ilhas. Anna fora viver para a Islândia aos 20 anos, depois de conhecer um islandês, Orri, que estivera a trabalhar nas ilhas durante um verão. Contou a Ísrún que se tinham apaixonado à primeira vista. O casal começou por construir uma casa em Kópavogur e, muito tempo depois, mudou-se para Grafarvogur, nos arredores de Reiquiavique. Anna inscreveu-se num curso de Literatura, na universidade da Islândia, e Ísrún nasceu poucos anos após a mãe terminar a licenciatura.

Orri trabalhava como motorista de pesados, enquanto Anna, assim que terminara os estudos, criara uma pequena editora com o objetivo de divulgar a literatura faroense na Islândia. Depois de publicar várias edições traduzidas, expandiu o negócio para a literatura infantil. Nos anos mais recentes, tinha ainda investido no segmento dos guias de viagem, uma aposta inteiramente coroada de sucesso.

A editora proporcionava a Anna e a Orri uma solidez financeira; o casamento, porém, revelava-se mais instável. Orri optara por investir no negócio das viagens, procurando obter rendimentos em moeda estrangeira, o que era especialmente atrativo numa altura em que grande parte da Islândia estava a braços com o controlo monetário, limitando o acesso a divisas estrangeiras, instaurado em sequência da crise financeira de 2008. Ele esperava, ainda, tirar algum partido dos guias de viagem de Anna, utilizando-os para promover a sua atividade. Começou por adquirir um modesto autocarro, ao qual juntou um segundo, mais tarde. Este último veículo foi a gota de água que fez transbordar o copo. Anna estava quase a completar 60 anos e tinha conseguido arranjar um bom comprador para a sua editora, o que a deixaria em condições suficientemente favoráveis para poder aposentar-se. Orri, embora tivesse mais sete anos do que ela, não estava interessado em abrandar, tendo ficado contrariado com a decisão da mulher de vender o negócio. Ísrún presenciara toda esta situação, assistindo ao momento em que as divergências entre os dois escalaram para um novo nível.

— Comprei um autocarro novo — murmurara ele num domingo, enquanto jantavam.

— Um não era suficiente? — perguntara Ísrún, inocentemente.

— Sim. Mas eu decidi comprar outro, que veio diretamente da Alemanha.

— Outro autocarro? — inquirira Anna, num tom brusco, olhando para o marido e tentando nitidamente controlar a sua fúria na presença da filha.

— Paguei um preço bastante razoável por ele — continuara Orri. — Com cem mil quilómetros, mas isso não é nada. E já vem com *air conditioning* — acrescentou ele, pronunciando as duas últimas palavras com o sotaque americano adquirido num ano que passara nos Estados Unidos, na década de 1980.

— E quanto é que custou? — quisera saber Anna.

— Eu pago-o em três tempos, garanto-te — respondera o marido, evitando a pergunta. — Já tenho tudo planeado. As viagens pelo Círculo Dourado têm tanta procura que isto vai ser uma verdadeira mina de ouro — afirmara ele, com um sorriso constrangido.

— Não tínhamos combinado que as coisas iam abrandar? — insistira Anna, e a conversa ficara por ali.

Prosseguiram a refeição em silêncio. Contudo, Ísrún sabia que a discussão devia ter-se reacendido assim que ela saíra dali.

Agora, dois meses decorridos, Anna tinha partido. Não só vendera a editora e saíra de casa, como deixara o país e regressara às Ilhas Faroé, instalando-se numa grande moradia que pertencia a uma das irmãs. Orri estava destroçado. Fazia tudo o que lhe era possível para rentabilizar o negócio das viagens, mas Ísrún receava que o pai tivesse ido longe demais. A partida de Anna transformara-o numa sombra de si próprio; ele parecia estar esvaaziado de toda a sua energia.

Ísrún lembrara-se de aproveitar uma pausa entre os seus turnos na redação de informação e deslocar-se às ilhas para tentar convencer a mãe a regressar à Islândia. A ideia não fazia muito sentido, mas tomar decisões precipitadas era algo que Ísrún tendia a fazer ultimamente. Queria focar-se em qualquer outra coisa que não fosse a doença que lhe coubera de herança. Já tinha passado um ano e meio desde que procurara um parecer médico pela

primeira vez, para apurar se padecia da mesma condição hereditária que causara a morte à sua avó muitos anos antes, uma doença que podia originar a formação de graves tumores. As suas suspeitas confirmaram-se; Ísrún recebera um diagnóstico preocupante, mas o tumor detetado na altura era benigno, felizmente. O médico fora perentório, no entanto, sobre o facto de a doença poder evoluir num sentido mais sério. Porém, incitara-a a ser otimista, e Ísrún tentava seguir esse conselho. Fazia todos os possíveis por desfrutar da vida como se nada se passasse, não falando a ninguém sobre a sua doença, nem mesmo aos pais. Apenas por um momento, passou-lhe pela cabeça falar nisso à mãe, como um meio de a fazer voltar à Islândia. Contudo, apressou-se a pôr a ideia de lado, concluindo que seria injusto para as partes envolvidas. Por outro lado, o fim do casamento dos pais estava a agravar a pressão que o trabalho lhe causava. O médico aconselhara-a a fazer exercício físico com regularidade, a seguir um regime alimentar saudável e a evitar o stress. Sugerira-lhe, muito concretamente, que abandonasse a carreira de jornalismo.

— Bem pode matar-me já — ripostara ela, impulsivamente, arrependendo-se de imediato de se ter deixado resvalar para o humor negro.

Na realidade, Ísrún vibrava com o ritmo e a excitação da redacção de informação. Trabalhava no noticiário da televisão desde os tempos de estudante, com alguns intervalos pelo meio, e adorava o que fazia. Fizera alguns bons amigos entre os colegas, embora houvesse pessoas que pareciam não gostar dela. Na verdade, tinha a certeza de que um dos seus colegas, Ívar, conspirava o tempo todo para ela desaparecer dali. O facto de ele ser, habitualmente, o coordenador de edição levava-o a chefia-la a maior parte do tempo, cabendo-lhe decidir, de um modo geral, quais os trabalhos que ela tinha de fazer. Ívar atribuiu-lhe tarefas desinteressantes ao longo de muito tempo, mas a situação alterara-se no verão anterior. Ísrún havia sido premiada por uma reportagem sobre o tráfico de seres humanos na Islândia, tornando-se, instantaneamente, uma das preferidas de María, a editora executiva, o que lhe dera alguma vantagem sobre Ívar. A partir daí, este vira-se obrigado

a ser cordial com ela, muito provavelmente porque tentava não contrariar María, cujo lugar ele gostaria de vir a ocupar um dia. Ísrún tinha a certeza disso; ela própria ambicionava esse lugar. Apesar de tudo, era impossível não reparar que Ívar só a muito custo conseguia ser agradável para ela.

A viagem para as Ilhas Faroé acabara por se revelar um fiasco absoluto. A mãe dela era mais teimosa do que uma parelha de mulas — tal como ela própria, muitas vezes — e estava claramente determinada a permanecer ali, pelo menos para já. Ísrún sentia-se meio arrependida pelo tempo e dinheiro despendidos naquela viagem, embora reconhecesse que devia passar mais tempo nas ilhas. O seu domínio da língua faroense era praticamente nulo, e ela acabara por nunca ter disponibilidade para conhecer o sítio ou os seus habitantes, nem para contactar com os seus familiares que residiam ali, o que lhe provocava um profundo sentimento de culpa.

— Minha querida, o teu pai e eu simplesmente já não temos nada em comum — explicara Anna a Ísrún. — Pelo menos de momento. Vamos ver o que acontece. — A seguir, surgira a questão que Ísrún previa: — Foi ele que te pediu para vires cá?

— Não, claro que não! — respondera Ísrún. — Não posso ser eu a ter a iniciativa de a visitar, mãe?

— Desculpa... é claro que sim, minha querida — replicara Anna, embaraçada.

— Ele não está bem — acrescentara Ísrún.

— Eu avisei-o, mas ele vai ter de lidar com isso sozinho. Nós devíamos estar numa posição suficientemente confortável para deixarmos de trabalhar. Mas o disparate do negócio das viagens é, de longe, demasiado dispendioso.

— Vai deixar que uns turistas quaisquer destruam um casamento de 30 anos?

— A situação não é assim tão simples. Cada pequena coisa me deixava enervada, e o mesmo lhe acontecia a ele, tenho a certeza. O teu pai só se interessava pelo trabalho e por aqueles malditos autocarros. Eu queria desfrutar um pouco da vida, viajar, fazer jardinagem, ir assistir a um concerto ou a uma peça de teatro. Mas ele

não tinha gosto por nenhuma dessas coisas. Eu nem podia ler na cama, porque todas as luzes tinham de estar apagadas quando ele se ia deitar. É possível acumular uma grande dose de saturação numa relação tão longa como a nossa, sabias, Ísrún? As coisas nem sempre são fáceis. Tu própria o irás descobrir um dia — dissera Anna, fazendo uma leve alusão ao estatuto de solteira da filha.

A mãe tinha razão. Há uns anos que Ísrún não tinha nenhum relacionamento sólido. A doença desempenhara um papel fundamental nisso, tal como a dificuldade em lidar com outra experiência terrível, pela qual passara algum tempo antes. Tudo levava a que ela tivesse pouco interesse, já para não falar em energia, em procurar um novo homem.

* * *

O voo de regresso a casa, das Ilhas Faroé, correu na perfeição. Ísrún apressou-se a ir diretamente do aeroporto para a redação, chegando mesmo a tempo do início do seu turno.

— Ísrún! — berrou Ívar, assim que ela passou pela porta, com os olhos no relógio.

Ela aproximou-se dele, apelando a todas as forças para parecer determinada e confiante. Ívar não tinha recebido qualquer prémio; ela sabia-o, e ele sabia-o. E, mais importante ainda, María, a editora executiva, também o sabia.

Ísrún fitou o colega sem proferir uma palavra.

— Estás de serviço nos próximos dias, não é? — perguntou ele, após um curto silêncio constrangedor.

— Sim — confirmou ela.

— Podes acompanhar aquilo que se passa em Siglufjörður? O vírus mortal? Estiveste lá no verão passado, não foi?

— Sem problema — respondeu-lhe ela, sem esboçar um sorriso.

Dirigiu-se à sua secretária, ligou o computador e procurou o contacto da polícia de Siglufjörður. Recordava-se perfeitamente do tempo que passara naquela pequena cidade. Os acontecimentos terríveis do passado tinham-na conduzido lá, mas o lugar inspirara-a, de certa maneira, a encarar o futuro de cabeça erguida.

Agora, as pessoas que ali viviam enfrentavam os seus próprios perigos, e ela esperava firmemente que não fosse preciso lá regressar enquanto o vírus não estivesse controlado.

Um policial nórdico complexo, arrepiante e sombrio que faz lembrar as melhores histórias de suspense e mistério de Agatha Christie


Em 1955, dois jovens casais mudam-se para o fiorde desabitado e isolado de Hedinsfjörður, na Islândia. A sua estadia termina quando uma das mulheres morre de forma misteriosa. O caso nunca é resolvido. Cinquenta anos mais tarde, surge uma fotografia antiga que mostra que, afinal, os dois casais não se encontravam sozinhos no fiorde.

Em Siglufjörður, uma pequena cidade próxima, o jovem polícia Ari Thór tenta perceber o que realmente aconteceu naquela noite fatídica, após ter sido procurado por um familiar da vítima. Numa altura em que a cidade se encontra de quarentena devido a um vírus mortal, Ari conta apenas com a ajuda de Ísrún, uma jornalista de Reiquiavique, para desvendar o caso. Porém, Ísrún encontra-se também a investigar um outro caso sinistro, que envolve o rapto de um bebé e o atropelamento mortal do filho de um ex-político.

Conseguirão eles resolver dois casos que só encontram explicação num passado mergulhado no silêncio?

«Um policial tradicional e refinado, moralmente mais ambíguo
do que os típicos do mesmo género literário, oferecendo-nos ambientes
sombrios e infinitamente mais ameaçadores.»

THE INDEPENDENT

TOPSELLER os livros em primeiro lugar 20 20 editora	ISBN 978-989-8917-25-6  9 789898 917256 Policial
--	--